

EDITORIAL

A Faculdade de Teologia Cristo Rei mediante êste número de sua revista deseja comemorar o centenário do Concílio Vaticano primeiro, realizado de oito de dezembro de 1869 a 20 de outubro de 1870.

A compreensão do homem, e da humanidade, como ser histórico, em contínuo vir-a-ser, permite-nos aquilatar melhor o próprio valor de um concílio.

Qualquer Concílio é uma resposta a uma situação histórica concreta do povo de Deus, dada, na medida do possível, na forma cultural vigente.

Dáí a necessidade, para compreender a assembléia ecumênica, de conhecer o melhor possível as circunstâncias humanas, sociais e eclesiológicas da época correspondente.

Esta situação também nos torna compreensível a limitação do campo, quer doutrinal quer disciplinar, abarcado por um concílio. Nenhum dêles pretende, nem jamais pretendeu, esgotar de uma

vez para sempre todos os aspectos da mensagem cristã. Se êstes dados já causam apreensão aos próprios participantes de um concílio, pois sabem que êle não poderá corresponder aos anseios de todos, que ou permanecerá aquém ou irá além das propostas, desejos e exigências, muito mais atormenta isto ao homem de hoje, mesmo em seu olhar retrospectivo, por viver numa época em que tôdas as coisas avançam rapidamente. É por isto que, com facilidade, se recriminam pessoas e acontecimentos do passado, por não terem dado então as soluções que hoje nos parecem as mais apropriadas, principalmente quando alguns já propugnavam por estas soluções. A constatação das limitações, das falhas, das lacunas, de intrigas havidas não podem levar os homens de hoje a uma recriminação pura e simples do passado, exigindo-lhe o que de fato não deu e não podia dar, devido às circunstâncias em que se encontrava. Querer que o passado já fôsse, sob todos os aspectos, o que somos hoje, ou que tivesse dado as soluções que hoje são dadas é negar o caráter histórico do homem. Daí, a imperiosa necessidade de reconhecer o que de positivo nos legou a História, para dela continuarmos a viver.

O presente e o futuro só são possíveis e compreensíveis a partir do passado. Se isto já vale no campo simplesmente humano, muito mais deve ser acentuado na história da salvação: sem o Cristo histórico e a história do povo de Deus, na qual os concílios ocupam um lugar eminente, o cristianismo atual e futuro seriam uma contradição. Por outro lado, o passado e o presente só são possíveis e compreensíveis a partir de sua pros-

pectiva para o futuro: Cristo escatológico. O passado e o presente, em nenhum momento, podem fechar-se sobre si, absolutizar-se. Em virtude do Cristo que há de vir em plenitude, devem manter-se radicalmente abertos para o futuro, para ultrapassarem a si mesmos, para aprofundarem sempre mais a mensagem revelada e assim propiciarem a sua vivência para o futuro.

Conseqüentemente, os concílios passados devem ser valorizados, no que têm de positivo, não só para o tempo em que foram celebrados (justiça histórica), mas também, para a atualidade e o futuro, naquilo que de permanente quiseram legar. Por outro lado, estão e devem ser compreendidos como abertos para o futuro.

O Vaticano I e o II não fogem à exceção. Não podem ser tomados isoladamente. Implícita e explicitamente sabem-se em conexão com concílios anteriores (cf. Vaticano I, p. ex.: **Dei Filius**, cap. I: De Deo rerum omnium creatore; cap. II: De revelatione; cap. III De fide et ratione; cf. Vaticano II, **Lumen Gentium** cap. III; **Dei Verbum**, n.º 1). O Vaticano primeiro, interrompido abruptamente por motivos alheios ao Papa e aos Padres conciliares, deixou, p. ex., abertos muitos pontos que desejaria tratar em relação à eclesiologia, e que foram sob outra forma abordados pelo Vaticano segundo. Este, por sua vez, ficou aberto, na própria eclesiologia, a ulteriores acréscimos.

Todo concílio é um ponto de chegada, que não pode ser negado ou ignorado, mas simultaneamente é um ponto de partida para o futuro a ser ousado.